

Entre Cesário Verde e João de Melo: o sentimento de inadaptção português na Europa

Between Cesário Verde and João de Melo: the portuguese feeling of maladaptation in Europe

André Souza da Silva

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo aproximar alguns poemas de Cesário Verde – fundamentalmente “Nós” e “O Sentimento dum Ocidental” – da experiência vivida pelo protagonista de *O Homem Suspenso* (1996), de João de Melo, a partir de questões inerentes à tradição e à modernidade em Portugal. Visamos, com isso – com o aporte teórico de nomes como Eduardo Lourenço (2016), Boaventura de Sousa Santos (2013) e Margarida Calafate Ribeiro (2004) –, destacar a imagem que as produções literárias revelam do país no último terço dos séculos XIX e XX, quando a posição dos portugueses na Europa, coincidentemente, está em evidência em setores como a economia, a política e a literatura, oscilando, quase sempre, entre a questionável imaginação do centro e a factível vivência de periferia.

Palavras-chave: Portugal. Europa. Cesário Verde. João de Melo.

ABSTRACT:

By questioning Portugal's tradition and modernity, this article aims to bring some poems by Cesário Verde — essentially “Nós” and “O Sentimento dum Ocidental” — closer to what the protagonist of João de Melo *O Homem Suspenso* (1996) experienced. Referencing the work of Eduardo Lourenço (2016), Boaventura Sousa Santos (2013) and Margarida Calafate Ribeiro (2004), we intend to highlight the portrayal of Portugal, in the last quarter of the 19th and 20th centuries, created by these two literary works, at an evidence when portuguese economic, political and literary positions ranged from the questionable imagination of the centre to the factual reality of the periphery.

KEYWORDS: Portugal. Europe. Cesário Verde. João de Melo.

Uma brevíssima introdução

Durante a escrita de um capítulo da nossa dissertação de mestrado, visando refletir sobre o iberismo em textos da contemporaneidade, recuamos ao século XIX e à famigerada Geração de 1870 com o objetivo de compreendermos a natureza de um tema que, a nosso ver, pela análise que então fizemos, não chegou de todo morto à primeira década do século XXI, ainda que o termo tenha sofrido mudanças em seu entendimento com a passagem do tempo¹. Seja como for, como compreendemos naquela altura, o iberismo, em Portugal, era, resumidamente, uma forma por meio da qual uma pequena parte de intelectuais buscava a eliminação das carências do presente e a reversão de uma tão antiga quanto persistente imagem de periferia na Europa, que ficou cada vez

¹ Ver, para isso, *Iberismos: nação e transnação, Portugal e Espanha* (2017), de Sérgio Campos Matos.

mais evidente à medida que o naufrágio do mais longo império do continente se confirmava, perdendo contato com o centro ao qual julgava pertencer.

Sob esse prisma, é possível pensar que uma reflexão sobre a imagem de Portugal na Europa, quando realizada de maneira diacrônica, pode ser mediada por duas vertentes: seja pela curiosa presença do que hoje conhecemos como Espanha no imaginário lusitano, seja pela pantanosa posição que ocupa no continente que o abriga, como se a ele, de algum modo, não pertencesse. É à luz desta última perspectiva, a fim de se destacar o que há de mais incômodo nesta relação, que passamos a redigir este artigo com os olhos fixados em dois momentos históricos – os terços finais dos séculos XIX e XX em Portugal – para pensar, em última análise, o modo como Cesário Verde e João de Melo trataram, em suas obras, do binômio Portugal-Europa, revelando o distanciamento do país onde nasceram em relação ao espaço-tempo em que lhes coube existir.

Contextualização histórico-literária

De acordo com Eduardo Lourenço (1994), a centúria de Oitocentos confirmou, não sem traumas para a identidade portuguesa, a distância entre Portugal e a Europa, diante da qual o país exibiu uma intrínseca fragilidade, sendo o Ultimato inglês (1890) a coroação do que, em outra obra, o filósofo chamou de “traumatismo-resumo da existência nacional” ([1978]2016, p. 34). Pouco tempo depois, Joel Serrão (1983, p. 46), ao olhar para a mesma época, também destacou que a literatura portuguesa, por pouco mais de um século, entre 1820 e 1925, distinguiu-se por uma espécie de “projeto nacional de regeneração”. Para o crítico, “direta ou indiretamente”, esse projeto “liga Portugal quer ao passado [de glórias], quer aos vislumbres esperançosos de um futuro” [igualmente glorioso] a fim de fazer com que se “restabelecesse [tudo aquilo] que havia sido destruído com a invasão napoleônica e a (in)consequente fuga da realeza para o Brasil.

Não por acaso, Eça de Queirós, em *O Crime do Padre Amaro* (1875), apontando para uma das razões que explicava, naquele momento, o atraso de Portugal na Europa, faz com que três dos representantes da esfera religiosa, diante da estátua de Luís Vaz de Camões, reneguem o presente que precisava, somente para citarmos um fato coevo ao da diegese ecianiana, da sua Comuna de Paris (1871). A julgar pela esperança no reerguimento

da pátria que circunda o *Camões* (1825) de Almeida Garrett e na urgência de se resgatar a bravura indômita que Alexandre Herculano constrói em *O Bispo Negro* (1859) para o rei D. Afonso Henriques, a cena criada por Eça anos depois espelha, como reflexo negativo, a imagem de um país que se via em profunda decadência sem a posse do Brasil e mergulhado, em suma, numa expansão africana que se revelaria insuficiente para a ressurreição almejada com a regeneração comentada por Serrão (1983).

O conde riu: e dizia, caminhando entre os dois padres, até quase junto das grades que cercam a estátua de Camões: — Não lhes dê isso cuidado, meus senhores, não lhes dê isso cuidado! É possível que haja aí um ou dois esturrados que se queixem, **digam tolíces sobre a decadência de Portugal, e que estamos num marasmo, e que vamos caindo no embrutecimento, e que isto assim não pode durar dez anos, etc., etc. Baboseiras!**... Tinham-se encostado quase às grades da estátua, e tomando uma atitude de confiança: — **A verdade, meus senhores, é que os estrangeiros invejam-nos... E o que vou a dizer não é para lisonjear a vossas senhorias: mas enquanto neste país houver sacerdotes respeitáveis como vossas senhorias, Portugal há-de manter com dignidade o seu lugar na Europa! Porque a fé, meus senhores, é a base da ordem!** — Sem dúvida, senhor conde, sem dúvida, disseram com força os dois sacerdotes. — Senão, vejam vossas senhorias isto! Que paz, que animação, que prosperidade! (Queirós, [1875]2020, p. 395, grifos nossos).

Foi neste cenário de letargia que, em 1871, em Lisboa, ocorreram as *Conferências* presididas por Antero de Quental, cujo principal objetivo consistia em encontrar respostas para as “Causas da decadência dos povos peninsulares”, como se intitulou a comunicação mais conhecida do cenáculo coimbrão. Daqueles encontros, muito resumidamente, neste espaço, importa assinalar que antes mesmo de anunciar o que para si determinou o atraso luso-espanhol na Europa, Antero convocava os seus compatriotas a ocuparem as salas do cassino usando como pretexto uma “urgência” incomum naquela sociedade, pois segundo ele era preciso agir rapidamente para “ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o nutrir-se dos *elementos vitais da humanidade civilizada*”². As grandes nações, em pleno alvorecer da Era Industrial, ainda conforme Quental ([1871]2016, p. 94), “não estavam condenadas a fazer [a elevada] poesia [de cariz camoniano], mas [a] ciência” que as levaria a toda a sorte de progresso.

A um país “rural e marítimo ao longo de toda a sua história” (Serrão, 1961, p. 21) e, ainda assim, incapaz de romper com o passado que lhe havia dado alguma

² Os itálicos são nossos e servem para chamar a atenção para o peso das assertivas de Quental. Além disso, “civilização” é o título de um conto do seu amigo Eça de Queirós, o qual redundou, como já apontou a crítica, em *A Cidade e as Serras*. Essas obras condensam, muito claramente, a conflituosa relação entre Portugal e a Europa na chave de leitura aqui proposta.

prosperidade, Antero questiona a durabilidade das glórias inscritas n' *Os Lusíadas* (1572) e propõe, como saída para o que considera um aprisionamento mental dos portugueses, a implantação do socialismo. Para ele, a ideologia garantiria um futuro mais sintonizado com a modernidade da qual Portugal parecia desconectado, pois permitiria ao país o progresso material que lhe seria possível em tempos de disputas hegemônicas acirradas. Malograda a instauração do projeto socialista, mas ainda muito “impressionado com os ecos tardios da revolução técnica e ideológica que modificariam a Europa” (Lourenço, [1978]2016), Antero cogita renegar a nacionalidade em prol de uma força regeneradora capaz de pôr fim à sua pátria para que esta se juntasse, paradoxalmente, à Espanha, diante da qual os portugueses tanto comemoraram, em 1640, a Restauração da Independência³.

Assim, se nos séculos XIX e XX, “cada escritor colocou a sua consciência individual a serviço da Pátria”, preocupando-se com “a sua realidade histórica e moral” (Lourenço, [1978]2016, p. 98), o que entretanto vem à tona com as tentativas de regeneração são as imagens pessimistas e melancólicas de um “Certo Reino, à esquina do Planeta, / Onde [...] viu a luz um poeta / Que melhor fora não a ver jamais” (Nobre, 2009, p. 196), certo de que esta luz, como sublinha Caminha Pessanha (p. 53, 2014), foi a responsável por levar o país à “perdição”. Imersos, segundo Lourenço ([1978]2016), na imaginação de “um futuro orientado por uma obsessiva mediação do passado”, os (aqui chamados) “regeneradores”, mesmo “baseados numa saudade ou ansiedade coletiva de grandeza”, acabaram, um pouco paradoxalmente, não conseguindo “disfarçar as vivências de periferia” (Ribeiro, 2004, p. 28) cada vez mais visíveis à medida que o poder da gesta imperial era comparado com o franco declínio do país na Europa⁴ - à época medida pelo bastão de países centrais como Inglaterra, Alemanha e França.

Chama-nos a atenção, nesse sentido, o fato de que, em muitos desses oitocentistas, a regeneração parece ter falhado ou, doutro modo, redundado numa esperança de cunho sebastianista. No fundo, não é curiosa a presença do espírito

³ Nota-se, outra vez, a perspectiva citada no início da nossa introdução: a situação de Portugal na Europa é, dalgum modo, mediada pela posição da Espanha. Sobre isso, lembremos, Garrett também escreveu na última parte do seu *Portugal na Balança da Europa*, publicado em 1830.

⁴ Comportamento que também pode ser explicado pelas extensas relações coloniais mantidas por Portugal, que “impregnaram de modo particular e intenso as configurações de poder social, político e cultural não só nas colônias como no seio da própria sociedade portuguesa” (SANTOS, 2003, p. 24).

guerreiro de um herói como Nuno Álvares em livros⁵ que, quando foram publicados, almejavam olhar para o futuro de Portugal? O messianismo que neles se vê não atesta, na verdade, a falência de um presente em face do qual só restava o manto diáfano do passado glorioso e a crença em um futuro que a própria literatura revelava pouco credível? Não é no passado que o Gonçalo de Eça, em *A ilustre casa de Ramires*, ignorando o presente apequenado, encontra forças para ir à África arranjar, misteriosamente, um futuro quase impossível em Portugal? Estes gestos, como questiona Margarida Calafate Ribeiro (2004), não confirmam, por assim dizer, que “as imagens de periferia estão frequentemente imbuídas de fantasias de centro”?

Fincadas as balizas que dão sustento às nossas análises, vejamos, por fim, a forma como Cesário Verde – que não somente escreveu na atmosfera acima como de algum modo dela se desvinculou – e João de Melo – enquanto herdeiro dos reflexos da aventura colonial encerrada oficialmente em Abril de 1974 com o fim do regime totalitário encabeçado por António de Oliveira Salazar – lidaram com uma questão central (e ainda contemporânea) para a literatura portuguesa: o destino de Portugal na Europa.⁶

Uma certa inadaptação

Quando posto em diálogo com o contexto descrito anteriormente, no qual escreveu, Cesário Verde revela-se um caso à parte em matéria de compreensão do real em sua volta, pois coincidindo no espaço e no tempo com a Geração de 1870, parece ter entendido antes dela que pouco adiantaria apegar-se excessivamente ao passado para imaginar um futuro que Portugal seria incapaz de voltar a cumprir. Talvez por isso, desde cedo, fosse na cidade, fosse no campo, Cesário tenha optado por olhar para aquilo que a análise do presente lhe apresentava, colhendo nele não propriamente a imagem de um país que parecia esgotar as suas possibilidades e chegar ao fim, mas a caricatura de uma Lisboa que, na contramão do desenvolvimento de capitais como Londres e Paris – essenciais, respectivamente, para a compreensão do pensamento de Antero de Quental e

⁵ Referimo-nos a livros como *Pátria* (1912), de Guerra Junqueiro, e *A ilustre casa de Ramires* (1900), de Eça de Queirós, nos quais o aparecimento do herói simboliza, messianicamente, o falhanço da regeneração.

⁶ Com base na fração de tempo circunscrita por Serrão (1983), a “regeneração” ocorre entre 1820 e 1925 e não abrange, portanto, *O Homem Suspenso* (1996). No entanto, se não visa propriamente regenerar Portugal, a obra, em alguma medida, como veremos adiante, propõe-se a pensar questões inerentes àquele projeto, a exemplo do destino de Portugal.

Eça de Queirós –, modernizava-se, lentamente, às custas duma massa de trabalhadores que ainda não havia ganhado espaço na poesia portuguesa.

Por este ângulo, ao contrário do que pareceu à altura, o poema publicado em 1880, durante as comemorações do tricentenário da morte de Camões, quando se comemorava, saudosamente, as glórias do império, nada tem de insólito. Ao proclamar, segundo Silveira (2002, p. 41), a falência do tríptico rio-mar-oceano como via única para se narrar a história portuguesa, Cesário escolhe, em “O Sentimento dum Ocidental”, singrar por outro caminho ao frisar que “as soberbas naus” das crônicas navais “não serão vistas” novamente. Em seu lugar, com os olhos sempre fixados naquilo que o presente é capaz de lhe oferecer como matéria-prima, assoma um “cardume negro” de “hercúleas” e “galhofeiras varinas”, cujos filhos, alguns ainda pequenos, carregados sobre a cabeça, mais tarde, irão “naufragar” nas múltiplas “tormentas” (Verde, 2010, p. 200) em que Portugal se via envolvido durante o século XIX. Trata-se de uma oposição à noção de centro imperial que Cesário não persegue ao valer-se de uma imagem mais rebaixada do mar, do qual já não sai nenhum assinalado navegador lusíada, senão empobrecidas trabalhadoras braçais, as verdadeiras pilastras de sustentação da épica que então era possível.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infecção!

(Verde, 2010, p. 200)

Assim, o mar, que havia sido português, convive, dialeticamente, no presente do eu lírico que caminha sem direção por Lisboa, com elementos que asseguram a superação da montra imperial – a exemplo “dos escaleres” estacionados no cais – e a perda de controle do espaço onde reluzia o pesado “couraçado inglês” e meros “botes”, que muito contrastam com a grandiosidade da história marítima que se queria resgatar no aniversário da morte do autor d’*Os Lusíadas*. Não à toa, a estátua de Camões – a mesma diante da qual Eça de Queirós reuniu suas personagens em *O Crime do Padre*

Amaro –, transformada em símbolo máximo do imperialismo pelos românticos lusitanos, converte-se, no poema, não em um lugar de culto sacralizante, mas em um espaço banal a partir do qual se deseja enfatizar a busca por uma história contada por outro ângulo. O foco dessa história, como nos parece, está na sistematização de uma paisagem que, em “O Sentimento dum Ocidental”, parece já pouco contaminada pela “ansiedade coletiva de grandeza” (Ribeiro, 2004) que guiou os rituais em torno da figura institucionalizada de Camões.

E evoco, então, as crônicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!
Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!
[...]

Mas, num recinto público e vulgar,
Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,
Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico doutro ascende num pilar!

(Verde, 2010, p. 200-201)

Sem perder o olhar fotográfico-impressionista da modernidade que o caracteriza, à navegação do passado, Cesário opõe o passeio solitário dum homem por uma Lisboa em desacordo com a promessa iluminista quanto ao progresso humano e material⁷. Cristaliza-se, assim, metonimicamente, em oposição ao centro inglês, uma imagem de periferia em relação “[à]s febris oficinas estridentes / [...] carboníferas [e com] / [...] máquinas a vapor” descritas em “Nós”, as quais Cesário opõe, sem tristeza aparente, uma “aldeia feliz”, “rural”, “espontânea” e “salutar” que é Portugal (Verde, 2010, p. 248-249). Recusando-se, dessa forma, a participar, encomiasticamente, “[d]as comissões oficiais que buscaram em vão os ossos de Camões”, o já maduro Cesário parece compreender que “os modelos literários da tradição, como as crônicas e a epopeia” (Arêas, 1982, p. 134), não eram possíveis senão por um esforço de memória tão grande como o que o país – e a Geração de 1870 em alguma medida – fazia em busca do centro ao qual já não pertencia.

⁷ “Descalças! Nas descargas de carvão, / Desde manhã à noite, a bordo das fragatas; / E apinham-se num bairro aonde miam gatas, / E o peixe podre gera os focos de infecção” (VERDE, 2010, p. 200) que, na cidade de infraestrutura frágil, “sem canalização, em muitos burgos ermos,” só faziam proliferar as epidemias que atingiam a Lisboa conhecida por Cesário Verde.

Isso, porém, não significa dizer que Cesário, na linha do que se fazia em sua época, não tenha apontado, digamos, uma saída para a crise que testemunhava. Ao fazê-lo, como quem mostra ao leitor a especificidade da vida moderna em Portugal, a exemplo do que ocorre em “Num Bairro Moderno”, faz a verdureira transitar entre o provincianismo do campo e a modernidade da cidade. É neste último espaço que a personagem experimenta, por força da sua identidade rural e do suposto atraso que carrega consigo, o desprezo e as tensões trabalhistas da cidade, dentro da qual é apresentada a um contexto que em tudo se opõe ao paternalismo inerente à vida no campo, o qual é descrito por Verde num poema como “Setentrional”⁸, no qual a vastidão sem fim de um “mar sem praias” (Verde, 2010, p. 98) é, metaforicamente, elemento basilar para o encontro humano.

Já no ambiente conflitante e restritivo da cidade, onde tem lugar o enredo de “Num bairro moderno”, a perspectiva para as relações humanas, mediada por conflitos de classe e pela lógica da exploração do trabalho – tematizada também no célebre “Contrariedades” por força do embate social entre o poeta e a engomadeira –, é radicalmente outra:

Do patamar responde-lhe um criado;
“Se te convém, despacha; não converses.
Eu não dou mais”. E muito descansado,
Atira um cobre lívido, oxidado,
Que vem bater nas faces duns alperces.

(Verde, 2010, p. 138).

Em um contexto de choque entre o cobre da cidade e os alperces do campo, o poeta descortina para o leitor uma realidade que, ainda que sedenta por centralidade, revelava-se periférica pela própria condição da verdureira, embora a sua ruralidade, considerando-a uma alegoria agrária de Portugal, fosse tipicamente portuguesa – como Eça também terá entendido em *A Cidade e as Serras* com a saída de Jacinto do 202 parisiense para a fixação em Tormes – e, por isso, capaz de propiciar algo que os portugueses nunca encontraram verdadeiramente na Europa: a sensação de estar em

⁸ Em poemas posteriores, como “Nós” e “Em petiz”, Cesário demonstrará que as injustiças sociais chegarão, inescapavelmente, ao campo. Isso, contudo, não é de todo suficiente para desfazer o paternalismo campestre que paira sobre a sua poesia. Exemplo disso, é o episódio (real) da morte da irmã de Cesário, que, em “Nós”, é tematizado em oposição ao cenário pacífico do campo, que contrasta seja com o horror da morte, seja com a(s) peste(s) que dizimava a população em Lisboa.

casa a seu modo⁹. De certa maneira, os sinais da reafirmação identitária que a mulher do campo representa estão visíveis desde “Deslumbramentos”, uma vez que o Norte, metaforizado pela arrogância e imponência da *milady* que despreza o sujeito seduzido por ela, em algum momento veria o seu reinado ameaçado pela vingança dos povos humilhados pela modernidade que a Inglaterra – de resto tão elogiada por Quental quanto à gestão de suas colônias – encabeçava.

Mas cuidado, milady, não se afoite,
Que hão de acabar os bárbaros reais;
E os povos humilhados, pela noite,
Para a vingança aguçam os punhais.
E um dia, ó flor do Luxo, nas estradas,
Sob o cetim do Azul e as andorinhas,
Eu hei de ver errar, alucinadas,
E arrastando farrapos – as rainhas!

(Verde, 2010, p. 92)

À medida que, no poema, a modernidade é invadida por uma paisagem campestre feita de legumes, verduras, frutas e das próprias características ruralizantes da verdureira, contradiz-se, a nosso ver propositalmente, a noção de progresso associada ao crescimento das metrópoles capitalistas de que o próprio bairro é uma evidência. Para Helder Macedo (1999, p. 48), “ao identificar-se com o povo que mantém as tradições antigas [do campo] e uma formidável alma popular, Cesário está a rejeitar o artifício do modelo industrial das nações do Norte adotado em Portugal pela classe burguesa e citadina” a qual pertenciam, por exemplo, os membros da Geração de 1870, que desdenharam nos jornais – como o fez Ramalho Ortigão –, não sem alguma polêmica, da qualidade da poesia de Verde¹⁰.

Tirando de foco o tecnicismo sem deixar de reconhecer a sua importância – e isso tampouco Jacinto o fará quando encontrar, em meio às serras, a “Felicidade” descrita pelo amigo Zé Fernandes –, num discurso em tudo oposto à artificialidade e fiel a um

⁹ São conhecidos os relatos de viajantes de outros países europeus por Portugal desde o século XVII, os quais, frequentemente, lançavam sobre o país um olhar de preconceito semelhante ao modo como os portugueses por vezes retrataram as colônias. São fatos como estes que fazem com que Portugal tenha, simultaneamente, na avaliação de Santos (2003), características de colonizador e de colonizado.

¹⁰ Não será para eles – que buscavam “a comunhão com a Europa moderna e civilizada” (Quental, 2016, p. 94) – que Cesário dedica, em “Nós”, a estrofe a seguir? “Para alguns são prosaicos [estes versos de louvor à terra], são banais / Estes versos de fibra succulenta; / Como se a poupa que nos dessedenta / Nem ao menos valesse uns madrigais!...” (Verde, 2010, p. 249) diante do triunfo da técnica e da industrialização que tão bem caracterizavam nações como França e Inglaterra.

processo de valorização da natureza semelhante ao de “Num bairro moderno”, o narrador, em “Nós”, empreende uma busca por tudo o que é natural, tradicional e original; ou seja, procura por tudo aquilo que o exercício da técnica não pode senão melhorar, mas nunca efetivamente fabricar por ser isto um privilégio da geografia.

Bem sei que preparai corretamente
O aço e a seda, as lâminas e o estofo:
Tudo o que há de mais dúctil, de mais fofo,
Tudo o que há de mais rijo e resistente!

Mas tudo isso é falso, é maquinal,
Sem vida, como um círculo ou um quadrado,
Com essa perfeição do fabricado,
Sem o ritmo do vivo e do real!

(Verde, 2010, p. 248)

Com essa postura, uma vez mais, Verde passa ao largo da centralidade aludida por Ribeiro (2004), sobretudo porque, conforme destaca Pedro Eiras (2016, p. 26), “tanto frio, tanto gelo e tanto terror terminam por afastar [da Europa situada ao Norte] a explosão da fruta meridional” que Portugal – fiel e atento às tradições de cultivo da terra – “embarcava para Liverpool” (Verde, 2010, p. 245). Em uma corrida neoimperial com hegemonismos industriais preestabelecidos, esta não seria, na avaliação de Cesário, a despeito do passado marítimo, uma forma de reposicionar Portugal na Europa? Em “Nós”, poema no qual há elementos ficcionais e biográficos, depois de ressaltar as características agrárias do país e os benefícios que trouxeram à saúde de sua família quando o cólera dizimava Lisboa, a um interlocutor muito claro, indaga Cesário:

Sim! Europa do Norte, o que supões
Dos vergéis que abastecem teus banquetes,
Quando às docas, com frutas, os paquetes
Chegam antes das tuas estações?!

Oh! As ricas “primeurs” da nossa terra
E as tuas frutas ácidas, tardias,
No azedo amoniacal das queijarias
Dos fleumáticos “farmers” d’Inglaterra!

Ó cidades fabris, industriais,
De nevoeiros, poeiradas de hulha,
Que pensais do país que vos atulha
Com a fruta que sai de seus quintais?

(Verde, 2010, p. 247)

De certo modo, é possível pensar que, com este gesto, Verde estivesse chamando a atenção para algo que, indubitavelmente, surtiria mais efeito em *A Cidade e as Serras*, que veio a lume em uma época na qual Eça questiona justamente o protagonismo que a cultura portuguesa – sempre em busca do centro – deu à França ao longo de todo o século XIX¹¹. Em Cesário, em poemas como “Nós” e “Deslumbramentos”, esse mesmo questionamento é dirigido a outro centro europeu – a Inglaterra –, revelando, por parte do autor, no curso de sua breve obra, certa inclinação para tratar de um tema que, de resto, leva o eu poético de “O Sentimento dum Ocidental”, por força do desajustamento que o invade, a sonhar, já no final de seu périplo por Lisboa, com o tradicionalismo de “notas pastoris” traduzidas pelo som de “uma longínqua flauta” (Verde, 2010, p. 204) ouvida num raro momento de silêncio na cidade que se tornava tão conturbada quanto as capitais que lhes serviam de modelo.

Algo semelhante ocorreu adiante, no terço final do século XX, quando, em busca de se localizar numa Europa para a qual simbolicamente regressava após um tardio e forçoso processo de descolonização, Portugal, como detecta Boaventura de Sousa Santos (2011), ainda tentava – com o auxílio de Espanha se preciso¹² – reverter a sua incômoda condição de periferia que, como visto anteriormente, o assombrava com mais proximidade desde o século XIX. Com a almejada europeização, acreditava-se, enfim, que “o vazio deixado pela derrocada do império seria preenchido” (Santos, 2013, p. 84) pelo suposto regresso ao centro, o que faria com que o país voltasse, como prometiam as celebrações políticas no momento de adesão à Comunidade Econômica Europeia (CEE) em 1986, a um lugar mais destacado na Europa.

Na citação abaixo, é este o sentimento – e de novo voltamos a falar no sentimento de um português na Europa em um momento de profunda agitação política em Portugal – sobressalente na denúncia do narrador que, em face de um contexto cultural parecido com o do surgimento de “O Sentimento dum Ocidental” pela efervescência provocada, é levado a constatar que o modo como o bloco europeu impunha a nova matriz econômica

¹¹ “N’O Francesismo”, escrito entre 1887 e 1888, Eça reclama do modo como a cultura portuguesa – e a sua geração – se deixou influenciar de maneira exacerbada pela França, à época símbolo capitalista do Ocidente. Essa influência, segundo o autor, levou Portugal a “romper com as tradições nacionais, despindo-se do traje português para se cobrir – pensando, legislando, escrevendo, ensinando, vivendo [e] cozinhando – de trapos vindos de França” (Queirós apud Medina, 1974, p. 135). O comportamento de Eça numa fase de sua obra que a crítica frequentemente denomina de “ajuste com Portugal”, revela, como constata Ribeiro (2004), um fascínio pelo centro europeu ao qual o país, no século XIX, já não pertencia.

¹² Pela recorrência, mencionamos, pela última vez, a influência de Espanha no imaginário cultural português sempre que a posição lusitana no continente europeu é de algum modo questionada.

ao país desconsiderava, por exemplo, a sua modernização tardia e o seu atraso secular em relação às nações hegemônicas como França e Inglaterra¹³. Para Santos (2003), isso ocorre porque a União Europeia (UE), sem que se negue as benfeitorias advindas do ingresso português no bloco, continua a reproduzir uma lógica colonial e de subjugação que oferece a Portugal uma posição intermédia, não muito diferente, portanto, da que o país já ocupava entre os séculos XVII e XIX, quando era central para as colônias as quais havia chegado e periférico para a Europa rica e desenvolvida, com a qual não dialogava em pé de igualdade.

Há por aqui um banco, com uma daquelas máquinas onde se enfia o cartão, se digita uma combinação de números, se espera com impaciência o rangido dos mecanismos – depois um vento morno sopra notas de cinco mil escudos, sempre novinhas em folha, perfumadas pelo mesmo hálito europeu que veio prometer-nos o progresso com uma bem-aventurança dos países ricos. [...] A Europa chegou aqui, entrou, perdeu-se da vista e do coração de quem já antes a amava; correu a fechar-se e a trair-nos, trancada a sete chaves no aquário do Centro Cultural de Belém. (Melo, 1996, p. 21-25)

Como a “bem-aventurança”, decerto, não se cumpriu, a expectativa criada acentuou o antigo complexo de inferioridade no continente, no qual “os portugueses passaram mais do que nunca a negociar a sua identidade com a [outra] identidade europeia” (Garmes; Siqueira, 2009, p. 48): a identidade do centro. Diante do que mais parece uma repetição, por estar de novo em busca de um “centro europeu” que renegociasse o papel de Portugal na Europa, a cultura portuguesa parecia esquecer-se daquilo que era tradicionalmente seu e tinha mais a ver consigo. Por isso, na reedição de seu livro, às portas de um novo milênio, em nota introdutória, Helder Macedo (1999, p. 14) indaga: “até que ponto o fim do século XIX continua a sobreviver neste nosso fim de século [que coincide, ocasionalmente, com a publicação de *O Homem Suspenso*]? E a verdade é que teria preferido que Cesário pudesse continuar a ser meu contemporâneo sem eu ter de ser dele”.

Em convergência com o drama experienciado pelo sujeito poético criado por Verde, na mesma Lisboa, vagando pelas mesmas ruas e observando a maneira pela qual a cidade se desligava de seus valores e de suas tradições seculares para ser forçosamente europeia, o narrador da obra supracitada reafirma para si próprio as crenças das quais

¹³ Há nesta percepção uma espécie de premonição por parte do narrador, pois o pedido de socorro ao Fundo Monetário Internacional (FMI), o qual levou à instalação da Troika em 2011, são exemplos do modo como o processo de europeização português caminhou com dificuldades.

não consegue se destituir facilmente. Na sua visão, isso significa trair, fundamentalmente, as suas raízes, a história do seu país e até mesmo – como se verá já adiante na menção ao pai que está a morrer junto com a pátria – a sua família, que no Portugal pobre, agrário e por quase cinco décadas chefiado pela ideologia salazarista, organizou-se em torno do cultivo da terra.

Sou um homem da periferia, um cidadão da margem e do mar. Desconheço outro qualquer sentimento europeu. Não imagino sequer a Europa que entrou já nas minhas fronteiras – se é esta que sempre me foi vizinha e [por nós] ressentida, se a outra que vem agora na nova cúpula, uma sombra imensa [...] subtraindo-me aos mitos da terra e do mar. Os meus mitos portugueses são: a árvore da minha floresta [...], o vinho e os pomares, a cidadania da paisagem e do dia, e este infinito mar que nos habita imanente, sábio e necessário ao olhar. (Melo, 1996, p. 26)

Como quem responde a indagação feita por Macedo (1999), o protagonista de João de Melo (1996) – um professor de literatura portuguesa incumbido de explicar a natureza da identidade peninsular à centralizada França em um congresso acadêmico cuja temática lhe provoca algum mal-estar – lê e cita Cesário Verde ao deambular, solitário, pela mesma capital portuguesa, debatendo-se, podemos dizer, com a inaptidão europeia já conhecida pelo Portugal oitocentista.

É afinal estranho saber que numa única noite houve em mim a transfiguração ou a metamorfose de quem em poucas horas vê mudar-se a vida, o corpo, talvez a alma, e sobretudo a idade da vida, do corpo e da alma. Pus-me velho numa noite de inverno mal dormida dentro de um carro [...] onde fiquei a ver o frio e a hora, a ouvir o vento e a chuva da Avenida de Roma. E a recordar os versos de Cesário Verde [n’“O Sentimento dum Ocidental”], o claro poeta metafísico de Lisboa: “Se eu não morresse, nunca! E eternamente buscasse e conseguisse a perfeição das coisas!” Onde me enchi de saudades para pensar em Carminho, que me expulsou de casa, da nossa cama, do seu coração, da vida, de mim mesmo, dessa parte de mim que era também a minha pátria. (Melo, 1996, p. 50-51)

Sem identidade que se revele ao leitor, como se estivesse exilado no próprio país e acompanhado somente por um cachorro rafeiro de rua, o homem, há pouco divorciado de Carminho, sem filhos, preso a uma época europeísta para si irreconhecível, está a perder muitas coisas; mas está a perder principalmente um país em crise de identidade e que já não reconhece como seu pela desatenção dispensada, entre outros pontos, à natureza e à paisagem, que em um momento de polarização identitária com a “outra Europa” poderiam ao menos preservar as facetas positivas da chamada *portugalidade*.

Ninguém sabe o que se passa nesta Lisboa mítica e quotidiana, capital de um país que a si mesmo se colonizou e descolonizou, que para si inventou a última e a mais portuguesa das revoluções mas que afinal trocou o passo: planta eucaliptos, vira as costas ao seu mar de sempre, pede dinheiro [ao Banco Central Europeu] para estradas que vão dar ao centro, ao sonho dos outros países, e parece até orgulhar-se de pedir que o deixem viver de cócoras, em sentido. (Melo, 1996, p. 84)

Num gesto que nos faz lembrar do cenário descrito por Cesário Verde em “Nós”, ao analisar, do ponto de vista diegético, a forma segundo a qual Portugal se relacionava com a União Europeia (UE) há pouco mais de dez anos, momentos antes de ir à França falar de seu incômodo no continente, o narrador, certo de que o bloco não havia colmatado a ânsia portuguesa por centralidade, recupera não somente a antiga questão da *não-europeidade* de Portugal, mas também o debate, igualmente antigo, a respeito da terra. Com isso pede que a terra seja mais valorizada, além de apontar os perigos de um projeto cuja formatação dava mostras de que o caminho a ser palmilhado – sabidamente o mais custoso – deveria ser em direção à periferia. Seja na Europa, seja fora da Europa, o diálogo a ser estabelecido, no caso de Portugal, como o narrador sugere, deve ser, aparentemente, com a zona que é a sua imagem e semelhança: a periferia.

Passando a cancela do quintal, desce-se três lanços de terra, por um carreiro que leva a um pedregoso caminho de cabras, o qual me traz novamente de regresso à aldeia da minha infância. As vides foram queimadas, as outras árvores de fruta não chegaram sequer a levar a sua poda. Envelheceram. Desgrenharam-se. Não darão frutos, são apenas árvores sem frutos, terras vítimas de abandono. Esse é o único remorso do meu pai. Mataram-lhe a terra e a natureza, pagaram-lhe para que se pusesse velho e doente. Tiraram-lhe o único grande amor, a condição do ser, a cidadania. [...] Sento-me na terra, ao lado do meu cão, fico uns instantes a ver a estagnação e a decrepitude e a desordem das coisas na paisagem. Tenho agora Portugal inteiro na minha frente. Começaram a nascer os filhos da Europa. E estão morrendo os velhos portugueses – tanto os crentes quanto os incrédulos. Se aos filhos não pudermos falar da vida e da nossa terra, que coisas iremos nós ensinar aos filhos da Europa, que não seja uma qualquer teoria, ou a arte e a manha, ou a artimanha de todos nos considerarmos fingidamente europeus? (Melo, 1996, p. 165)

Conclusão

Ainda que o papel da literatura em nada se compare com o de um tratado político e que o seu objetivo primário não consista em apontar saídas para qualquer tipo de crise, pode-se perguntar: a exemplo de Cesário Verde, no século XIX, terá João de Melo

apontado uma saída para o dilema europeu colocado a Portugal no final do século XX? A resposta, como tentamos mostrar no decorrer deste artigo, é positiva! Apesar da distância temporal que os separa, ambos os autores deixam claro a importância do cuidado com a terra, além de apontarem – talvez de maneira ainda incipiente – para a necessidade de se consolidar uma efetiva e nunca verdadeiramente experimentada vivência de periferia em Portugal, a qual diminuiria, conseqüentemente, a hiperidentidade pela qual a ontologia do português é conhecida.

Assim, se as andanças do narrador de *O Homem Suspenso* podem ser comparadas às do sujeito de “O Sentimento dum Ocidental” – que sem prejuízo de sentido poderia ser o título do romance de Melo –, a citação com a qual encerramos a seção acima, pela ênfase posta no elemento telúrico, pode ser comparada não somente ao “Nós”, de Cesário Verde, mas também à conhecida admoestação do “Velho do Restelo”, n’*Os Lusíadas*, relacionando, de um só golpe, episódios da tradição que, ao problematizarem o destino de Portugal, dão margem para outras leituras de cariz histórico-literário como a que fizemos aqui.

Referências

ARÊAS, Vilma. Duas leituras de Camões: Cesário Verde e Fiamma Hasse Pais Brandão. In: **Leituras de Camões**. São Paulo: Instituto de Cultura e Ensino Padre Manoel da Nóbrega, 1982. p. 133-143.

EIRAS, Pedro. Boomerang (A Europa em 27 postais). In: **Constelações 2**. Porto: Edições Afrontamento, 2016, pp. 23-47.

FERNANDES, Annie Gisele e GARMES, Hélder. Antônio Nobre. **Só: seguido de despedidas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GARMES, Hélder.; SIQUEIRA, José Carlos. **Cultura e memória na literatura portuguesa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

HIGA, Mário. Introdução, estabelecimento de texto e Notas. In: VERDE, Cesário. **Poemas Reunidos**. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

LOURENÇO, Eduardo. **Nós e a Europa ou as Duas Razões**. 4. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.

_____. **O Labirinto da Saudade**. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2016.

_____. **Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade**. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2012.

MACEDO, Helder. **Nós – uma leitura de Cesário Verde**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

MEDINA, João. **Eça político**. Lisboa: Seara Nova, 1974.

MELO, João de. **O Homem Suspenso**. Lisboa: Dom Quixote, 1996.

PESSANHA, Camilo. **Clepsidra**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2014.

QUEIRÓS, Eça de. **O crime do padre Amaro**. São Paulo: Principis, 2020.

QUENTAL, Antero de. **Causas da Decadência dos Povos Peninsulares**. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2016.

RIBEIRO, Margarida Calafate. **Uma história de regressos, Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo**. Porto: Afrontamento, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Interidentidade. **Novos Estudos**, São Paulo, 2003, p. 23-52.

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SERRÃO, Joel. **Do sebastianismo ao socialismo**. Lisboa: Livros horizonte, 1983.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. Adeus às armas In: Izabel Margato (Org.). **Figuras da Lusofonia – Homenagem a Cleonice Berardinelli**. Lisboa: Instituto Camões, 2002.

Data de submissão: 21/01/2026

Data de aceite: 22/05/2026